



## REPENSANDO COTIDIANOS ESCOLARES: INTERVENÇÕES E DESCONSTRUÇÃO DE CICLOS DE OPRESSÃO<sup>1</sup>

Daniel Henrique de Oliveira Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Acreditamos em uma escola plural, diversa, em que diferenças não sejam motivo de exclusão ou inferiorização social. Mas infelizmente essa não é atual realidade de muitas escolas no Brasil. Percebemos a nossa volta uma sociedade marcada por desigualdades sociais, em que hierarquias são estabelecidas e o outro, o diferente é designado a margem social. Nessa perspectiva, esse relato de pesquisa trata de um projeto de Iniciação Científica desenvolvido em uma escola de periferia de Uberlândia, Minas Gerais, em que buscamos repensar nossa prática enquanto docentes, analisando marcar de racismo, lgbtfobia, machismo, capacitismo ou qualquer outra forma de preconceito. Além disso, buscamos refletir de que forma esses preconceitos incidem sobre esses/as estudantes acarretando uma possível evasão escolar dessa população. Assim, concomitantemente a essas pesquisas ocorreram trabalhos que tiveram como objetivo debater e conscientizar sobre as diferentes formas de preconceitos/discriminações presentes na escola. A partir disso, foi possível problematizar práticas de preconceito presentes na escola, buscando construir um espaço de respeito as diversidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola, preconceitos, educação, cotidianos.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Daniel.hos@hotmail.com



Em nossa escola percebemos que era comum alguns estudantes tentarem inferiorizar o outro, seja por gênero, raça ou qualquer outro tipo de diferença. Aos LGBTs, eram marcados por meio de xingamentos ligados sexualidade como: bixinha, boiola, viadinho, etc. Tais apelidos pejorativos demarcam claramente práticas preconceituosas no espaço escolar. Sobre as mulheres, eram corriqueiras as falas de meninos objetificando o corpo da mulher, determinando seu caráter e moral pela quantidade de pessoas que se relacionava ou a roupa que estava vestindo. Em relação aos negros e negras era comum alunas pedirem para ir ao banheiro e voltarem com os cabelos molhados ou inferiorizar o outro pela sua cor, ou quando íamos assistir a um filme e se apagavam as luzes e outros alunos pediam para estudantes negros sorrirem, tais comentários estavam sempre disfarçados de piadas, e consagravam históricos de desigualdades e discriminações. Assim, nessa pesquisa voltamos nosso olhar para nossa própria escola, de periferia, com maioria dos/as estudantes negros e um significativo número de estudantes LGBTs. Tais constatações nos levou ao longo da construção/execução do projeto a refletir sobre quais as condições de ensino e permanência eram oferecidas àquela população na escola, isto é, aos estudantes vítimas de preconceitos. Durante a vivência da nossa pesquisa começamos a perceber as consequências de uma sociedade racista, machista, capacitista, lgbtfóbica na vida de estudantes. Acreditamos que tais práticas revelam uma sociedade marcada pela desigualdade onde o preconceito contribui na constituição de desiguais e na consagração de diferenças sociais. Assim, começamos a questionar qual o papel da escola na construção de cidadãos e cidadãs que respeitem as diversidades? Qual o peso da omissão da escola na sua responsabilidade de criar uma sociedade mais justa e igualitária? Qual o papel da escola, incluso diretores, supervisores, professores e alunos/as na construção de ações de combate ao racismo, machismo, homofobia e qualquer tipo de preconceito? Qual a responsabilidade da escola nos altos índices de evasão escolar causados especificamente por práticas preconceituosas? Esses questionamentos surgem inicialmente quando no ano de 2016 ao participar da criação e dando aulas voluntariamente em um cursinho de formação para conclusão do ensino fundamental e médio para travestis e transexuais, foi possível perceber que um alto índice delas não haviam sequer concluído o ensino fundamental. Em diálogos com elas, foi dito que evadiram do espaço escolar por não suportarem preconceitos que tinham que enfrentar cotidianamente. Dessa forma, começamos a observar que nas salas de aulas dos diferentes níveis educacionais, o respeito as diversidades e pluralidades eram extremamente raros, contribuindo como

instrumento para processos de consolidação de preconceitos e, conseqüentemente, legitimador das variadas violências contra os sujeitos que se concebem ou expressam para além da heteronormatividade, das identidades de gênero hegemônicas, e dos padrões normativos de sexo, gênero, raça, classe, religião etc. Assim, podemos perceber que

Em vários momentos históricos e em diferentes sociedades a lógica binária construiu culturalmente um componente negativo e outro positivo, impedindo a pluralidade de identidades, de pensamentos, de crenças. Assim, várias categorias foram sendo criadas e identificadas como o outro diferente. (PUGA, 2005, p. 12)

No espaço escolar, não diferente disso, podemos observar que esse outro é corriqueiramente inferiorizado, subjugado, colocado a margem nesses espaços. O normal, o aceito, é estabelecido enquanto referência. São os ditos normais, que designam as normas identitárias que definiam os sujeitos e contornavam os limites e caminhos a serem seguidos, caminhos estes que funcionam como balizas ou referências, e que ao desviar-se dessas rotas já estabelecidas, esses sujeitos eram punidos julgados e inferiorizados socialmente. Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião, etc.) [...] apresentam como padrão sua própria estética, sua ética em relação ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos (LOURO, 2013, p. 16). Não por acaso, a inquietação que motivou essa pesquisa foi justamente esses seres postos enquanto anormais, inferiorizados, subordinados e designados a inferioridade social. Assim, buscamos refletir sobre preconceitos presentes no espaço escolar, entendendo as diferentes formas de repressão que ocorreram nesse espaço, problematizando os discursos que estariam operando ali, gerando desiguais e criando ações que visassem produzir reflexões. Assim, após identificar preconceitos, buscamos problematizar e desconstruir tais práticas, percebendo aquilo que escapa, que desestrutura o ciclo de opressões construindo/reproduzindo ações que tivessem como princípios a igualdade e o respeito as diversidades, refletindo sobre o racismo, a homofobia a transfobia ou qualquer forma de preconceito presente na escola.

Metodologia:

O projeto inicialmente submetido e aprovado pela Secretaria de Estado de Educação foi desenvolvido também com apoio da equipe gestora da E.E. Ederlindo Lannes Bernardes, localizada em Uberlândia.

Ao pensar o trabalho planejamos inicialmente fizemos um mapeamento, sobre os estudantes LGBTs negras estudantes da escola e que queriam participar do projeto, tais estudantes no momento da pesquisa deveriam expressar o interesse em participar voluntariamente do desenvolvimento desse trabalho

Assim, seriam feitas reuniões semanais com aqueles que desejassem participar do projeto. Estas reuniões, com professoras e com estudantes, tiveram a finalidade de esclarecer os objetivos da pesquisa, localizar as pessoas interessadas em participar do estudo e apresentar às mesmas o as ações a serem desenvolvidas, assim como sanar dúvidas referentes ao desenvolvimento da pesquisa.

Nesse processo planejamos trabalhar com palestras; para debate sobre LGBTfobia, machismos, capacitismo, racismo, grafiteagem; onde seria construído o painel da diversidade, diálogos com estudantes LGBTs negros que sofreram preconceitos, e também a construção entre todos os professores do turno diurno de ações coletivas que culminassem no dia de exposição do desenvolvimento dos seus trabalhos.

A entrevista individual, aplicada aos sujeitos LGBTs negros estudantes, teve como objetivo analisar as trajetórias escolares deles, estabelecendo relações entre evasão escolar, e preconceito. Investigando assim, as experiências vivenciadas por eles na escola.

Na fase inicial do projeto planejamos ciclos de estudos de texto, palestras e debates que visaram a formação do grupo de pesquisa, com objetivo de uma melhor aplicabilidade do projeto, assim como vivência com a discussões que tratassem dos diferentes tipos de preconceitos. Além disso, foi realizado uma análise das formas de preconceitos presentes na nossa escola. A partir daí iniciamos com as ações. Sobre isso, ainda foi concernente desenvolver entrevistas com negros e negras que sejam travestis, gays, lésbicas ou bissexuais, analisando preconceitos, estigmatizações ou problemas enfrentado por eles/as no espaço escolar.

Após essas análises foi verificado se os espaços escolares permitiam a formação de cidadãos e cidadãs que respeitassem as diversidades presentes em nossa sociedade. Cabe ressaltar, que os resultados foram utilizados para a promoção de ações que permitiriam que fosse superada a discriminação social, a exclusão, a diferenciação e o preconceito em relação ao outro, possibilitando construir uma sociedade que combata o racismo e saiba respeitar as pluralidades.

Desenvolvimento:

Sobre as ações desenvolvidas:

Aplicação dos Indicadores de Qualidade da Educação<sup>3</sup>: Inicialmente decidimos diagnosticar o problema dos preconceitos presentes na nossa escola, percebendo prioritariamente o racismo. Organizamos-nos, formamos o grupo guardião<sup>4</sup>, marcamos o momento para debater e analisar nossas práticas e escola. Fizemos os cartões: verde, amarelo e vermelho, e fizemos debates sobre cada ponto lido no livro do INDIQUE. Assim, após cada debate o relator anotava as mudanças necessárias e observações feitas por cada participante. Observar e debater sobre nossa escola foi extremamente importante, o primeiro passo para tentar nos libertar sobre as amarras dos preconceitos.

Construção do painel da diversidade (GRAFITE): nesse momento convidamos estudantes que gostassem da arte do grafite para desenhar nas paredes e muros da escola. Nessas ações prontamente percebemos que iríamos precisar do apoio de profissionais da área, assim, decidimos convidar grafiteiros da cidade, conhecidos e admirados pelos estudantes, para fazerem em conjunto a grafiteagem dos painéis na fachada e interior da escola. Neles, foram tratados dos temas: machismo, racismo e homofobia. É importante ressaltar que nesse momento fizemos acordo com grafiteiros reconhecidos na cidade e nacionalmente, propondo que fossem realizadas grafitagens que tratassem da diversidade, enaltecendo a luta das mulheres, dos LGBTQs e dos negros. Essa grafiteagem ocorreu em um sábado, com a presença dos/as alunos/as, inclusive aprendendo técnicas dessa arte.

Debates com Diretora de Igualdade Racial da Prefeitura de Uberlândia DIIGUAL / Coordenadora de Diversidade Sexual da Prefeitura de Uberlândia / Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros NEAB-UFU / Professora de História da UFU membro do Núcleo de Estudos de Gênero NEQUEM – UFU. Nessa fase, levamos para a escola representantes de movimentos sociais, de organizações que promovem o debate sobre a opressão de determinados grupos na sociedade, permitindo por meio do debate problematizar preconceitos presentes no espaço escolar. Essas rodas de conversa com os debatedores do movimento negro (NEAB/ DIIGUAL), de mulheres e LGBTQ permitiu discutir com professores, alunos e

---

<sup>3</sup> Considerando a magnitude e complexidade da questão racial no Brasil e, especificamente, na educação brasileira, os Indicadores da Qualidade na Educação Relações Raciais na Escola foram elaborados visando contribuir com a superação do racismo nas escolas. Auxilia na construção de um retrato da implementação da Lei n. 10.639/2003, a qual introduziu a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africanas e afro-brasileiras, bem como da educação das relações etnicorraciais na educação básica (pública e privada).

<sup>4</sup> O grupo guardião consiste em formar uma equipe composta por professores, estudantes, direção, supervisão, secretaria e comunidade escolar, responsáveis por guiar a avaliação dos Indicadores de Qualidade na Educação.

alunos, corpo diretivo e supervisão sobre a importância do respeito as diferenças e a construção de ações que permitissem a formação de uma escola mais justa e igualitária.

Debate com membros da Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA / do Fórum Nacional de Pessoas Trans Negras – FONATRANS / com a vereadora Pâmela Volp – Trans negra / e membros do Conselho Nacional Contra Discriminação LGBT – CNCD/LGBT. Nesse momento, também foram feitos vários debates com representantes do movimento negro, LGBT e associações de travestis negras. O objetivo era repensar o espaço escolar, nossas práticas, fazendo com que todo corpo que a compõe identificasse práticas discriminatórias e refletisse sobre suas ações. Esse momento foi importante para repensar sobre a presença do racismo e outras formas de preconceitos na escola e na sociedade. Nessas palestras, contamos com palestrantes de diferentes estados do Brasil, como Piauí, Paraíba, Minas Gerais, Bahia.

Realização de pesquisas analisando diferentes formas de preconceito no espaço escolar, envolvendo toda a escola. Nesse momento, após termos feito várias discussões, palestras, análises da nossa escola, decidimos que a escola toda, todos professores se envolveriam em uma grande pesquisa sobre preconceitos existentes no espaço escolar. Livremente, cada professor pode escolher qual tema iria desenvolver. Durante três meses cada professor coordenador de uma turma elegeu uma forma de discriminação para desenvolver essas pesquisas. Esse projeto foi concluído com um dia de mostras dos trabalhos realizados. Tal proposição teve como objetivo fazer com que toda a escola repensasse o preconceito e percebesse o quão enraizado ele está. Aqui, foram escolhidos temas como gordofobia, racismo, LGBTfobia, capacitismo, machismo, intolerância religiosa, etc. Nesses trabalhos foram feitas discussões de esclarecimento, assim como pesquisas, que tiveram as seguintes perguntas:

- Você já teve alguma atitude preconceituosa?
- Você aceitaria caso tivesse um filho homossexual?
- Você já sofreu racismo na escola?
- Você já teve alguma prática preconceituosa com algum colega?
- Você concorda com cotas raciais para universidades e concursos públicos?
- Você sabia que existem cotas raciais para universidades e concursos públicos?

Essas perguntas nortearam as pesquisas e possibilitaram expor como diferentes formas de preconceitos ou como determinadas concepções ainda estão presentes em nosso imaginário e conseqüentemente reflete nas nossas práticas sociais.

Gravação de vídeo relato/denúncia sobre práticas discriminatórias ocorridas na escola. Aqui, gravamos um vídeo com estudantes que desejaram relatar e expor práticas discriminatórias, referentes ao racismo e homofobia, ocorridas no espaço escolar. Nesse momento, em um dos casos, foi relatado a homofobia sofrida por um estudante que ouviu de uma supervisora escolar que iria para o inferno por ser homossexual e feminino, caso ele não mudasse seu jeito de ser ele não seria feliz. Esse relato gerou uma reflexão sobre o papel da escola no combate a esse tipo de violência, nos levando a pensar, o que fazer quando isso ocorre? Qual o papel da escola no acolhimento a esse aluno discriminado? Qual apoio a escola deveria ter dado? Essas e outras reflexões foram apontadas e utilizadas para montar/criar protocolos de ações em casos como esse.

Entrevistas individuais com negras/LGBTs estudantes da escola. O objetivo foi que estudantes LGBTs negras denunciasses por meio das entrevistas sigilosas de que forma a discriminação afetou ou não suas vidas e seu desempenho escolar. Por meio dessa pesquisa pudemos perceber que as práticas de racismo e homofobia ocorrem corriqueiramente e afetam a profundamente a vida dos nossos estudantes. Os professores e a escola muitas vezes não dão o devido apoio as vítimas desses preconceitos. Até porque não há apoio psicológico disponibilizado pelo estado. Durante essas entrevistas foi possível perceber que o racismo e a homofobia são práticas presentes na escola e que os danos causados na vida de estudantes são extremamente sérios e pouco tratados. Subestimamos tais acontecimentos, e a escola, em geral, não leva a sério as denúncias. Recebemos em nossa escola estudantes trans que deixaram de estudar em outras escolas por sofrerem preconceitos, ou estudantes da nossa própria escola que deixou por dois anos de estudar por gordofobia. Esses e outros casos revelam que a discriminação, o preconceito são extremamente problemáticos e devem ser vistos com atenção e reflexão.

#### Resultados e Discussão:

Acreditamos em uma escola plural, diversa, em que diferenças não sejam motivo de exclusão ou inferiorização social. Durante esse trabalho fomos capazes de perceber essa cultura da estigmatização, da inferiorização do outro, e subverter esses ciclos de violências

que estão naturalizadas nos discursos, nas falas, nas agressões físicas, ocorridas dentro das escolas. Fomos capazes de perceber a construção histórica e política dos discursos e das identidades no interior de um sistema cultural androcêntrico, eurocêntrico, patriarcal, racista e transfóbico que exclui e designa ao outro caráter de inferioridade, instituindo desigualdades, assimetrias e hierarquizações sociais. Acreditamos que ao se conhecer a realidade do ciclo de opressão vivenciada por LGBTs negras, foi possível trilhar novos caminhos de respeito e tolerância, desconstruindo ciclos de inferiorização social. Assim, ao longo do desenvolvimento desse trabalho, percebemos que os preconceitos, a violência, as estigmatizações são corriqueiras na escola, e que causam danos talvez irreparáveis na vida dos(as) estudantes. Assim, realizamos ações que visassem quebrar com o ciclo de preconceito dentro da nossa escola, onde o primeiro passo foi rever nossas próprias práticas e assim ir trilhando caminhos de respeito e valorização das diversidades, construindo na escola um espaço plural em que todos fossem/sejam respeitados como são.

Não por acaso, o espaço escolar, ao ausentar-se de sua responsabilidade de desconstrução das diferentes opressões ali presentes, contribui para a evasão escolar de tantos/as estudantes. Assim, essas ações são/ se tornaram essenciais por propor refletir sobre a evasão escolar, as trajetórias escolares, e resistências/escapes/fugas de LGBTs negras para sobreviverem naquele espaço. Se tornou importante também por denunciar a marginalização dessas populações, propondo medidas de reinserção e garantia de permanência na escola.

#### Conclusões:

Durante a realização dessas pesquisas pudemos perceber que as práticas preconceituosas estão introjetadas nas nossas relações e que somente por meio da reflexão e do debate podemos desconstruí-las. Por meio dessas pesquisas, realizadas por entrevistas e formulários foi possível observar que apesar dos debates, da busca pela superação das desigualdades ainda há práticas racistas, homofóbicas e transfóbicas no nosso espaço escolar. Assim, acreditamos que a educação é o melhor meio de conscientização para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária onde cada um seja respeitado na sua diferença.

#### Referências:

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, Guacira. L. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.



\_\_\_\_\_ Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.

PUGA, Vera Lucia. Útero e Loucura: medicina e moralidade. Anos 1942-1959. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco e MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). História: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia, EDUFU, 2005.